

O PRIMEIRO DE JANEIRO

ANO CXXX · NÚMERO 299 · DIÁRIO · ISSN 0873 - 167X
TERÇA, 27 DE OUTUBRO DE 1998 · PREÇO 110\$00

DIRECTOR: CARLOS MOURA

Atlântico
ao seu lado
em todo o lado

Exploração ficaria a cargo da Associação Industrial Portuense

Gomes quer privatizar Aeroporto Sá Carneiro

O presidente da Câmara do Porto defendeu ontem, em Bordéus, a privatização do Aeroporto Francisco Sá Carneiro, em Pedras Rubras. Fernando Gomes referiu que o actual modelo de gestão entregue à TAP

não satisfaz e defendeu a atribuição da concessão da exploração a uma entidade como a Associação Industrial Portuense (AIP). Ludgero Marques e seus pares já se mostraram disponíveis.

Pág. 20

Porto marca passo em Leiria

Desporto

E AINDA...

Região Porto/Norte promovida no exterior

O Projecto Porto/Norte, destinado a promover a região no exterior, vai ser apresentado hoje pelo ministro da Economia, Pina Moura, no âmbito da inauguração das novas instalações do ICEP no Norte. O programa promocional «Projecto Porto/Norte» destina-se a dar visibilidade a esta região como centro promotor de internacionalização da economia.

Pág. 26

Governo em Aberto na Beira Interior

A Beira Interior irá acolher, entre os próximos dias 26 a 28 de Novembro, o "Governo em Aberto". Uma oportunidade para anunciar uma série de medidas e investimentos na região.

Pág. 7

OPINIÃO

O provedor das amizades

Artigo de Leal Freire, na página 2.

FRANCISCO CARDOSO

LUSAP/J

REPROVAÇÃO ADMINISTRATIVA?
QUEREMOS SER PROFESSORES

Ambiente aquece em Letras

Pág. 5

"A literatura é vida mas também é morte"

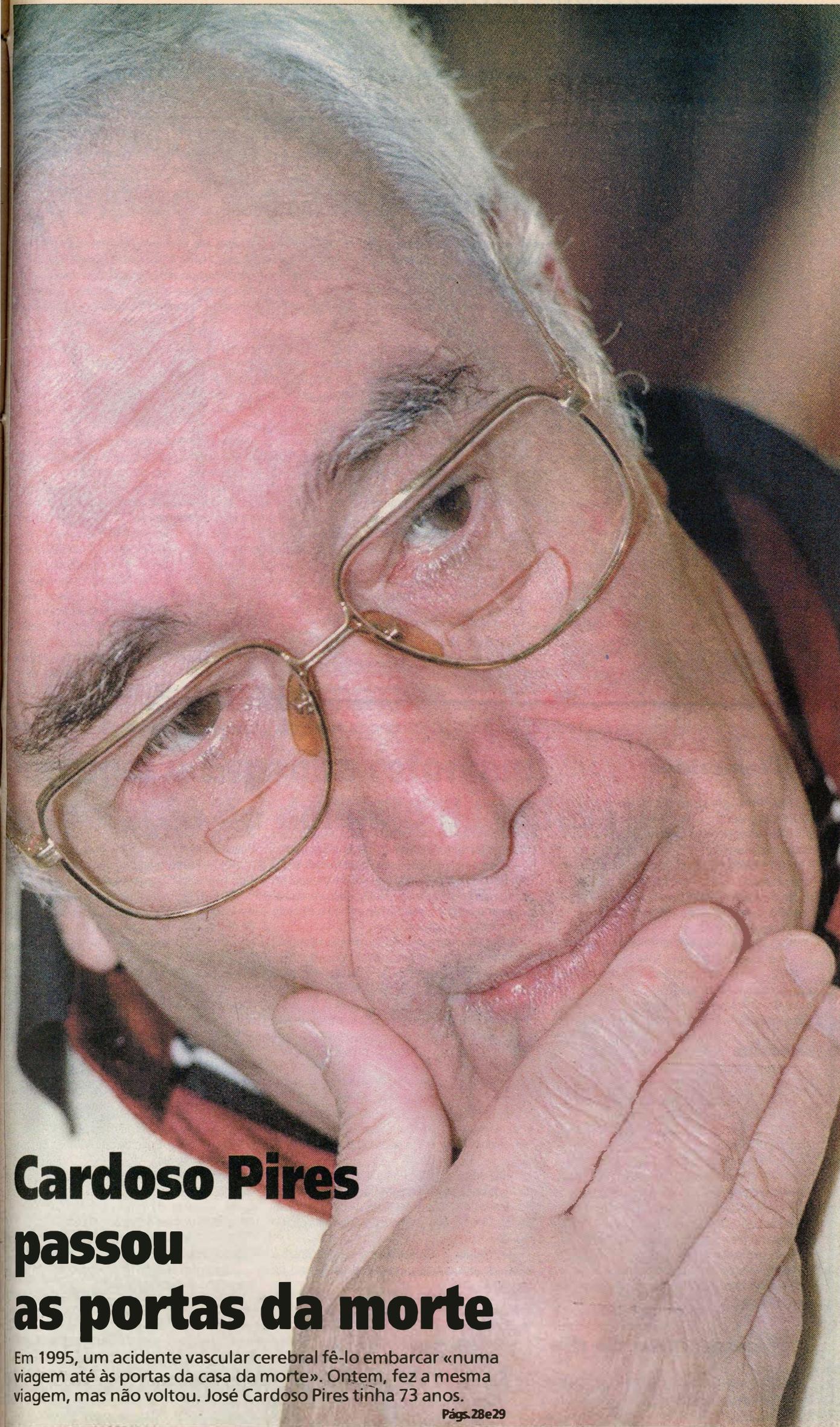
Pág. 28

E-MAIL DE «O PRIMEIRO DE JANEIRO»: pjaneiro@mail.telepac.pt

KONICA EXPOSIÇÃO **Konica** DIGITAL WORLD
FOTOCOPIADORAS, IMPRESSORAS, FAXES, E MULTIFUNCIONAIS
Dias: 29 - 30 e 31 de OUTUBRO/98
No Estádio das Antas (DEPARTAMENTO DE INSTALAÇÕES)

NEA NORTE, S.A.
Rua Rodolfo de Araújo, 182
Tel. 519 39 20 - Fax. 510 66 37 4000 Porto

KONTAMOS KONSIGO



Cardoso Pires passou as portas da morte

Em 1995, um acidente vascular cerebral fê-lo embarcar «numa viagem até às portas da casa da morte». Ontem, fez a mesma viagem, mas não voltou. José Cardoso Pires tinha 73 anos.

Págs. 28 e 29

Pina Moura lança Projecto Porto/Norte

É hoje apresentado, no Palácio da Bolsa, na inauguração das novas instalações do CEP, um projecto governamental de promoção da Região Norte e do Porto. Um plano que prevê parcerias com o sector privado, e incide nas áreas da internacionalização, do investimento estrangeiro, captação de turismo e promoção no forade portas de produtores de sectores relevantes.

Pág. 26

Suíça também quer a cabeça de Pinochet

Um juiz de Genebra decidiu pedir a detenção provisória do ex-presidente chileno Augusto Pinochet, para posterior extradição para a Suíça. Uma má notícia para o velho ditador, tornada pública precisamente na altura em que, de Londres, chegavam sinais de uma possível libertação.

Pág. 25

SEGUNDO caderno O PRIMEIRO DE JANEIRO

21

Terça, 27 de Outubro 1998

E AINDA...

Prazo dado a Milosevic esgota-se hoje

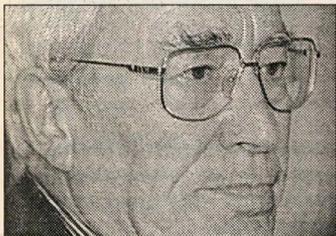
A OTAN voltou a advertir o presidente jugoslavo de que tem até às 20h00 de hoje (19h00 em Lisboa) para retirar as forças a mais estacionadas no Kosovo. E Portugal e a Espanha anunciaram que estão disponíveis para enviar observadores militares para a província.

Pág. 24

Guiné: força portuguesa pronta para tudo

Portugal tem dois aviões militares «Hércules C-130», dois helicópteros e uma fragata em «prontidão máxima», para actuar na Guiné-Bissau. Tudo está a postos para cobrir os dois cenários possíveis — guerra ou paz —, assegurou o ministro Veiga Simão. Jaime Gama, entretanto, fazia os possíveis para pôr frente a frente Nino Vieira e Ansumane Mané.

Pág. 25



O

escritor José Cardoso Pires, 73 anos, que ontem morreu, foi um observador atento e singular da realidade portuguesa que retratou ao longo de uma extensa carreira literária, por diversas vezes premiada. A sua originalidade e sua qualidade da escrita mereceram reconhecimento a nível nacional e internacional, tendo o escritor comentado, recentemente, essa "vaga" de distinções como um dos efeitos do fenómeno literário, imprevisível por natureza, "algo bastante estranho, sem uma velocidade uniforme, pautado pelas subidas bruscas e pelas descidas às vezes caóticas".

Enquanto houver morte há literatura

"De Profundis - Valsa Lenta" e "Lisboa - Livro de Bordo", são os seus livros mais recentes, editados em 1997. O primeiro retrata a experiência pessoal do autor de perda de memória, resultante de um acidente vascular cerebral sofrido em 1995, que o fez embarcar "numa viagem até às portas da casa da morte". O segundo é uma espécie de "roteiro pessoal" da cidade que Cardoso Pires sempre assumiu como sua, apesar de beirão de nascença.

A originalidade e qualidade da escrita de Cardoso Pires mereceram reconhecimento a nível nacional e internacional, encontrando expressão no rol de prémios literários que foi arrecadando, com especial incidência no último ano.

Recentemente, o escritor comentou essa "vaga" de distinções como um dos efeitos do fenómeno literário, imprevisível por natureza, "algo bastante estranho, sem uma velocidade uniforme, pautado pelas subidas bruscas e pelas descidas às vezes caóticas".

Em Dezembro de 1997 recebeu o prestigiado Prémio Pessoa, e em 1998 foram-lhe atribuídos o Prémio D. Dinis, da Fundação da Casa de Mateus, o Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores (APE) e o Prémio de Crítica do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários.

Este último foi entregue a 2 de Julho numa cerimónia privada decorrida na casa do escritor, em Lisboa. Rodeado por familiares e amigos, Cardoso Pires escutou sério e emocionado as palavras de louvor que lhe foram dirigidas.

HUMOR. O seu estado de saúde mostrava-se delicado, na sequência de novo acidente vascular cerebral sofrido em Abril último. Notava-se particularmente na fala, lenta e esforçada.

Mas o sentido de humor era o mesmo de sempre, e até a esse propósito não resistiu à pequena brincadeira: "Estou assim por causa dos músculos da voz. Foi uma das coisas que aprendi com isto. Não fazia ideia que a voz tinha músculos".

Na ocasião, acolheu com um



José Cardoso Pires: "Só se escreve porque se gosta da vida"

sorriso e alguma surpresa o curioso relato de um dos presentes, o estudioso Liberto Cruz, segundo o qual Mário Soares, o ex-presidente da República, desistira ainda jovem de ser escritor ... por sua causa.

De acordo com o episódio narrado, Mário Soares tinha em adiantado estado de escrita uma obra de sua autoria quando a sua mulher, Maria Barroso, lhe fez chegar às mãos um exemplar do romance «O Delfim». Rendido à escrita de Cardoso Pires, o ex-presidente da República teria então decidido abandonar os seus propósitos literários. Anos mais tarde, em Paris, encontrou Liberto Cruz e, em tom de brincadeira, afirmou: "Se eu não me tornei escritor, a culpa é do Cardoso Pires".

O talento do autor de «Balada da Praia dos Cães» havia já sido distinguido em 1991 com o importante prémio União Latina de

Literatura, deixando para trás candidatos tão fortes como Marguerite Duras e Gonzalo Torrente Ballester.

Grande parte da obra de Cardoso Pires evoca os tempos da ditadura de António Salazar e de Marcelo Caetano.

O romance «O Hóspede de Job», publicado nos anos 60, foi um protesto contra a guerra colonial portuguesa, "in memoria" do seu irmão mais novo que morreu com 21 anos num acidente de aviação, durante o serviço militar.

«A Balada da Praia dos Cães» (Grande Prémio do Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores) é talvez a sua obra mais conhecida. Adaptada ao cinema por José Fonseca e Costa, constitui, em certo sentido, um retrato vivo das contradições sociais.

Na bibliografia de Cardoso Pires destacam-se ainda os títu-

los «A Cavalinho no Diabo», «O Anjo Ancorado», «Cartilha do Marialva», «O Delfim», «Dinossauro Excelentíssimo», «E agora, José?» e «Alexandra Alpha» (prémio especial da Associação de Críticos Brasileiros, assumida pelo autor como a sua obra preferida).

LISBOETA. Nascido em São João do Peso, Castelo Branco, a 2 de Outubro de 1925, sempre se assumiu como "lisboeta". Recentemente declarou em entrevista a um jornal diário que "a alegria do escritor é estar sozinho e resolver-se a si próprio".

Casado durante mais de 40 anos com Edite Cardoso Pires, enfermeira de profissão, duas filhas, afirmou então que escrevia a pensar que estava a renovar o mundo. Defendia, por isso, que os escritores são seres insatisfeitos e incómodos.

Costumava dizer que escre-

via "pouco e lentamente", sem regras ou disciplina de trabalho, e anunciara para breve o lançamento de um novo livro.

Contudo, ainda em Julho, em Lisboa, recusara-se a levantar a ponta do véu sobre o projecto que tinha em mãos, argumentando que de todas as vezes que no passado o fizera, sempre acabara por se arrepender.

"Acontece-me muito pensar que vou escrever sobre um determinado tema, e de repente mudo tudo", disse.

Sobre o notável sucesso alcançado pela obra «De Profundis - Valsa Lenta», o escritor atribuiu-o ao tema retratado, a morte. "Felizmente, a morte discute-se hoje como nunca se discutiu. Fala-se abertamente de assuntos como a eutanásia e o aborto, e descobriu-se que a morte não é algo de sagrado, no sentido escolástico do termo. Passou a ser encarada como qualquer

coisa que faz parte do ciclo da vida", afirmou então.

Logo em seguida, defendeu: "A literatura é vida, mas é também morte, ou seja, é a discussão da morte. Enquanto houver morte há literatura. Mas só se escreve porque se gosta da vida".

Certamente por esse motivo, Cardoso Pires nunca admitiu abandonar a criação literária, à qual dedicou meio século da sua existência.

O funeral de José Cardoso Pires foi alterado, estando o corpo do escritor, no Palácio das Galveias, ao Campo Pequeno, em Lisboa, desde as 18h00 de ontem.

Fonte familiar disse ainda que o corpo do escritor será cremado às 11h00 de hoje no cemitério do Alto de S. João, seguindo depois as cinzas para o Mausoléu dos Escritores no cemitério dos Prazeres.

Morte de José Cardoso Pires

JOSÉ SARAMAGO. O Prémio Nobel da Literatura José Saramago manifestou-se "chocado" com a morte de José Cardoso Pires, considerando uma "infelicidade" a sua perda. "Soube da notícia há dois minutos e as palavras não são fáceis", disse Saramago, que quis evitar "lugares comuns" como "é uma grande perda para a literatura e para a cultura portuguesas". "Estas palavras repetidas mil vezes para pessoas diferentes esvaziam-se de significado", justificou. Para José Saramago, "os efeitos da morte de Cardoso Pires não são imediatos, a consciência do desaparecimento vem mais tarde". "A notícia não é inesperada, mas não deixa de ser um choque. É uma infelicidade que já se esperava, mas quando acontece o golpe não deixa de ser duro.



AGUSTINA BESSA-LUÍS. A escritora Agustina Bessa-Luís considerou, no Porto, que a morte de José Cardoso Pires é "uma perda muito grande" para todos os que o conheciam e para quem está ligado às letras. "A sua morte, pelas condições em que ocorreu, representa uma libertação, mas é também uma grande perda para as nossas letras", sublinhou. "Tenho pena que uma pessoa que eu conheci bem e que possuía muitas qualidades tenha desaparecido", acrescentou.

EUGÉNIO DE ANDRADE. O poeta Eugénio de Andrade lamentou, no Porto, a morte de José Cardoso Pires, de quem era amigo desde a juventude, considerando que com ele desapareceu um dos maiores prosadores portugueses. "A morte dele era esperada, mas apesar disso a notícia choca-me, perturba-me", disse Eugénio de Andrade. "Com ele desapareceu um dos nossos grandes prosadores, um dos maiores. Disso não é ocasião para lamentar - são tão poucos os amigos que, ao desaparecer um deles, não é como se não fosse um qualquer, se fica na verdade mais pobre; perde-se um lugar comum", acrescentou.



FONSECA COSTA. "A morte não se comenta" foi a primeira reacção do cineasta José Fonseca Costa quando confrontado com o falecimento do escritor. "Cardoso Pires é uma pessoa que ficará para sempre presente, e isso torna ainda maiores a minha dor e a minha emoção, sabendo que não volto a falar-lhe", acrescentou, no entanto, o realizador da "Balada da Praia dos Cães", extraída do romance

homónimo do falecido. "Era um grande amigo meu antes do mais um dos maiores escritores da língua portuguesa. É uma perda irreparável, um choque muito grande, embora eu já soubesse desde 8 de Junho que o José não tinha retorno", disse, referindo-se ao segundo e derradeiro internamento do escritor.

MÁRIO CLÁUDIO. Mário Cláudio considerou que "nem um escritor desapareceu; porque lhe cabe e há-de caber a glória neste mundo, nem se extinguiu um homem, porque ele era dos que partilham a coroa da Terra". "Que ninguém fale de morte na hora da partida de José Cardoso Pires", sublinhou, salientando: "Não conheci, nas nossas letras ou nas outras, camarada mais solidário e mais dialogante, menos preso ao que há de posição, de maneira e de artificial na vida literária de todos os lugares e de todos os tempos". "Estar com José Cardoso Pires era, sempre, uma festa, porque era a vida e a criação que se celebravam, e a festa ficava aberta a quem quer que chegasse", disse. O escritor português Mário Cláudio acrescentou que o seu "desejo" é que repousem em paz aqueles que o mereceram, aqueles que o merecem".

EDUARDO LOURENÇO. O ensaísta Eduardo Lourenço comentou José Cardoso Pires a Ernest Hemingway, com a diferença de que "não foi à caça ao leão a África" como o escritor norte-americano. "Era um grande conhecedor da vida e um grande amador da vida em todos os seus aspectos", afirmou Eduardo Lourenço a propósito da personalidade de Cardoso Pires. Na sua opinião também escritor e docente universitário, Cardoso Pires é um dos escritores portugueses mais importantes desta segunda metade do Século (XX), "extremamente original", sobre o qual o futuro dirá qual é o lugar dele entre os seus contemporâneos".



TAVARES RODRIGUES. A morte de José Cardoso Pires representa o desaparecimento de um dos maiores autores de Língua Portuguesa deste século, disse Urbano Tavares Rodrigues. "Com Cardoso Pires desaparece das nossas letras um escritor original e incisivo da linhagem de Hemingway, de Roger Vaillant, e eu perco um amigo da juventude, que sempre estimei profundamente", observou Tavares Rodrigues. Manifestando-se "profundamente emocionado" ao saber da notícia, o escritor lembrou o "grande amigo" que conheceu desde os tempos da juventude, relacionamento que

só em 1955, quando regressou de Paris, foi "devidamente aprofundado".

FERNANDO MARTINHO. O crítico literário Fernando Martinho classificou José Cardoso Pires como "um dos grandes escritores portugueses do Século XX". Para aquele professor da Faculdade de Letras de Lisboa, «O Delfim», de Cardoso Pires, "encontra-se entre os cinco maiores romances do Século XX em Portugal".

Fernando Martinho elogia particularmente o "rigor da escrita, sóbria e enxuta", que caracteriza a obra do escritor, que se inclui na tradição literária do "despojamento, do essencial", em contraste com a "tendência barroquizante" existente na literatura nacional. Outra das características marcantes na obra de Cardoso Pires é o seu afastamento da corrente neo-realista dos anos 40 e 50, optando, numa linha semelhante à do escritor norte-americano Ernest Hemingway, por colocar as personagens dos seus livros a definirem-se pelos seus gestos e atitudes em vez de ser o autor a caracterizá-las.

ÓSCAR LOPES. Com a morte de Cardoso Pires, já há vários meses esperada, desaparece um dos nossos mais competentes narradores e, certamente, um dos nossos artistas mais atentos às complexidades da escrita do romance", afirmou Óscar Lopes. "A sua obra é relativamente pequena em relação à sua elaborada consciência artística, que é a mais elevada de todos os modernos ficcionistas portugueses", sublinhou o escritor/historiador e professor catedrático, aposentado, de Linguística. Para o autor de "História da Literatura Portuguesa", "ninguém ultrapassou a complexidade de narração de «O Delfim» e a «Balada da Praia dos Cães», em que a teia avança ao sabor de diversas e inesperadas contradições de vários narradores que criam uma tensão complexa e multi-significativa".

CARLOS REIS. A publicação do romance «O Delfim» por José Cardoso Pires marca a moderna literatura portuguesa e uma ruptura com os padrões neo-realistas, declarou Carlos Reis. "«O Delfim» marca o antes e o depois da ficção portuguesa contemporânea. Rompe corajosa e definitivamente com o pesado legado neo-realista, sem abdicar de uma funda e constante preocupação com o real envolvente", sublinha. Para Carlos Reis, especialista em literatura portuguesa e director da Biblioteca Nacional, na obra de Cardoso Pires "há uma data, o ano de 1968, e um título, «O Delfim», que marcam decisivamente a evolução da Literatura Portuguesa contemporânea".



MÁRIO SOARES. O antigo Presidente da República e amigo de Cardoso Pires Mário Soares considerou que o escritor português era também merecedor de um Prémio Nobel. "É pena que não tenham sido feitas em vida as homenagens que merecia", disse o ex-chefe de Estado. Mário Soares lembrou que é da mesma geração de Cardoso Pires - "somos praticamente da mesma idade" - e recordou um certo trajecto comum que tiveram, nomeadamente nas Tertúlias do Café

Portugal e dos cafés da Avenida da República, com Mário Dionísio, Carlos Oliveira e outros. "A notícia da morte não é inesperada, mas mesmo assim deixa-me muito triste. Fizemos um

caminho de vida paralelo. Ele era um grande escritor, um intelectual, um interveniente cívico, progressista", disse ainda Mário Soares. "É uma grande figura, com uma obra imensa, depurada, de grande rigor literário. Foi um grande humanista, com uma enorme capacidade para descobrir aspectos insólitos nas pessoas", concluiu Mário Soares, recordando alguns dos seus livros.

ANTÓNIO GUTERRES. "Perdemos todos o convívio com um brilhante escritor deste século". Foi assim que o primeiro-ministro recebeu a morte de Cardoso Pires, "alguém por quem tinha muita amizade". "Fica para o futuro uma grande obra e um grande nome que bem mereceu o enorme apreço nacional e internacional que teve", acrescenta António Guterres na mensagem de condolências enviada à família do escritor. José Cardoso Pires - acrescenta - "era um admirável contador de histórias que tantas vezes me encantou, como tive ocasião de lhe dizer aquando da atribuição do Prémio Pessoa, em Dezembro passado". Sem a sua presença "a valse dos nossos dias fica mais lenta, mais pobre. Vai fazer-nos falta a sua capacidade crítica, a incrível mestria no uso das palavras e o contagiante gosto que tinha em jogar com elas".

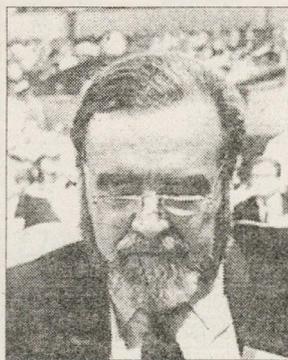


JORGE SAMPAIO. Também o Presidente da República manifestou "grande consternação" pela morte de José Cardoso Pires, "um dos grandes escritores portugueses deste século". "Um grande cidadão, grande amigo, grande companheiro", foi como Jorge Sampaio se referiu ao escritor, numa declaração aos jornalistas no Palácio de Belém. O escritor é visto ainda por Jorge Sampaio como "alguém que conhecia a vida e as voltas que ela dá". "Foi alguém que soube perceber a

mudança numa sociedade (a portuguesa) e a sua passagem do obscurantismo para uma sociedade mais aberta".

MANUEL MARIA CARRILHO. Para o ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho, Portugal "perde um dos maiores vultos dos últimos 50 anos da sua Literatura". "Homem multifacetado - escreve Manuel Maria Carrilho - , José Cardoso Pires teve uma acção muito importante não só como escritor, mas também como editor, ao fundar a emblemática colecção dos «Livros das Três Abelhas» para os quais traduziu importantes autores americanos, e como jornalista do «Diário de Lisboa», na década de 70, e de uma importante revista, o «Almanaque», no início dos anos 60".

REBELO DE SOUSA. Marcelo Rebelo de Sousa recordou, por seu lado, a "lealdade", "alegria" e "jovialidade" que marcaram a vida do escritor José Cardoso Pires, características que, salientou, não perdeu "mesmo com a dolorosa falta de saúde" dos últimos meses de vida. José Cardoso Pires, afirmou o líder do PSD, "foi uma pessoa que viveu intensamente a vida até ao último instante, de tal forma que quando teve um acidente que ia sendo trágico, passou também essa experiência a livro, que acabou por ser a sua última obra publicada".



MANUEL ALEGRE. O poeta e deputado do PS Manuel Alegre considerou que José Cardoso Pires, foi um escritor que "desmontou mitos e teias de aranha culturais". "Desmontou o machismo, o clericalismo e um certo militarismo com uma prosa luminosa, muito depurada. Com ele, penso que a língua portuguesa atingiu um patamar altíssimo", disse Manuel Alegre. "Sabia como poucos construir um romance. Criou personagens que passaram a

fazer parte da vida. Ele próprio era uma personagem da vida. "Foi um dos homens que ensinou a minha geração a pensar e a escrever. Era mais velho que eu, mas éramos amigos. Falávamos muitas vezes e ele sempre manifestou a sua indignação sobre factos da vida nacional, sobretudo política.